



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
COORDENAÇÃO DE CURSOS EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES - CCCR

MAYLTON MARQUES LOURENÇO

**A OVELHA ROSA: analisando o trânsito religioso na autobiografia *O profeta gay*,
do Reverendo Francisco Ferreira Júnior**

JOÃO PESSOA - PB

2023

MAYLTON MARQUES LOURENÇO

**A OVELHA ROSA: analisando o trânsito religioso na autobiografia *O profeta gay*,
do Reverendo Francisco Ferreira Júnior**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Ciências das Religiões, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em
Ciências das Religiões, sob orientação da
professora Dr^a. Rita Cristiana Barbosa.

JOÃO PESSOA - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L892o Lourenço, Maylton Marques.
A Ovelha Rosa: analisando o trânsito religioso na autobiografia O profeta gay, do Reverendo Francisco Ferreira Júnior / Maylton Marques Lourenço. - João Pessoa, 2023.
27 f. : il.

Orientação: Rita Cristiana Barbosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Trânsito religioso. 2. Homossexualidade. 3. Cristianismo. 4. Inclusão. I. Barbosa, Rita Cristiana. II. Título.

UFPB/CE CDU 2 (043.2)

Elaborado por JANETE SILVA DUARTE - CRB-15/104

MAYLTON MARQUES LOURENÇO

**A OVELHA ROSA: analisando o trânsito religioso na autobiografia *O profeta gay*,
do Reverendo Francisco Ferreira Júnior**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca examinadora designada pela Curso de Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências das Religiões.

Banca Examinadora:

Assinatura: 
Prof.^a Dr.^a Rita Cristiana Barbosa

Assinatura: 
Prof.^a Dr.^a Fernanda Lemos

Assinatura: 
Prof. Dr. Vitor Chaves De Souza

Documento assinado digitalmente
gov.br VITOR CHAVES DE SOUZA
Data: 19/07/2023 12:12:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

João Pessoa, 16 de Junho de 2023

RESUMO

A lógica do padrão cis-heteronormativo defendida pela teologia dominante manteve, por muito tempo, a população LGBTQIAPN+ excluída da esfera cristã. Essa padronização religiosa tem sido debatida e (re)formulada em meio a grandes tensões. Este trabalho tem por finalidade definir Teologia Inclusiva e Tradicional e analisar o trânsito religioso do Reverendo Francisco Ferreira Júnior com base na sua autobiografia: *O profeta gay*, lançado em 2018, fruto de um Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), para formação de clérigos das Igrejas da Comunidade Metropolitana. Para que esse objetivo fosse alcançado, fez-se necessário uma análise detalhada de sua obra e a busca por interpretação e compreensão da narrativa autobiográfica por meio de outras leituras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, do tipo estudo de caso, de abordagem qualitativa, que utilizou o método dedutivo para identificar e analisar os significados construídos a partir desses textos. Os resultados demonstram que o trânsito religioso é um processo subjetivo de cada indivíduo que ocasiona em algum grau de mudança simbólica, teológica ou dogmática e que a Teologia Inclusiva é oposta a Tradicional no tocante da homossexualidade. Chega-se à conclusão que tal debate é importante nas Ciências das Religiões por expor a vivência/experiência de um sujeito frente as mudanças sociais teológicas existentes no cristianismo, seus conflitos e significações do sagrado.

Palavras-chave: Trânsito religioso. Homossexualidade. Cristianismo. Inclusão.

ABSTRACT

The logic of the cis-heteronormative pattern defended by the dominant theology kept, for a long time, the LGBTQIAPN+ population excluded from the Christian sphere. This religious standardization has been debated and (re)formulated amid great tensions. This work aims to define Inclusive and Traditional Theology and analyze the religious transit of the Reverend Francisco Ferreira Júnior based on his autobiography: *The gay prophet*, launched in 2018, the result of a Course Completion Work (TCC), for the training of clerics of Metropolitan Community Churches. In order for this objective to be achieved, a detailed analysis of his work and the search for interpretation and understanding of the autobiographical narrative through other readings was necessary. This is a bibliographic and documentary research, of the case study type, with a qualitative approach, which used the deductive method to identify and analyze the meanings constructed from these texts. The results show that religious transit is a subjective process of each individual that causes some degree of symbolic, theological or dogmatic change and that Inclusive Theology is opposed to Traditional Theology in terms of homosexuality. It is concluded that such a debate is important in the Science of Religions because it exposes the experience of a subject in face of the theological social changes existing in Christianity, its conflicts and meanings of the sacred.

Keywords: Religious transit. Homosexuality. Christianity. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não-binárias e afins (LGBTQIAPN+) foram excluídos da esfera cristã, tendo em vista que as variantes de gênero e sexualidade não condizem com a lógica padrão cis-hetero-normativa defendida pela teologia dominante. Contudo, na contemporaneidade essa padronização religiosa tem sido debatida e (re)formulada.

Sendo assim, partindo do princípio que toda relação humana é também uma relação de poder e, nada se mantém imutável, as estruturas são constantemente alteradas e/ou reformuladas, dependendo do contexto em que estão inseridas. Tais mudanças não surgem a partir do nada, muito menos pensados de um acaso, mas provêm de um longo processo de discussões e debates, muitas vezes calorosos e sangrentos, no qual o oprimido questiona atitudes que são impostas pelo seu opressor.

No século XX esse debate se adentra dentro do campo da sexualidade humana e das identidades de gênero para questionar uma visão historicamente dominante, organizada em torno de dois polos: o masculino (força/poder) e o feminino (submissão), além da questão da homossexualidade, vista até o século XIX e meados do XX como doença¹, “homossexualismo”. Nesse contexto, Adelman (2000, p. 167) dirá que há duas formas de regulamentar a sexualidade humana:

As formas “tradicionais” (igreja, família, comunidade) e “modernas” (o Estado, a medicina e a psiquiatria) de regulação da sexualidade começaram a ser contestadas ativamente, através da política sexual, de diversos grupos que sofriam a ação desses sistemas: em particular, as mulheres, as pessoas homossexuais e bissexuais e os jovens (ADELMAN, 2000, p. 167).

As Igrejas Cristãs Ocidentais precisaram se posicionar frente aos discursos médico-científicos. Ora, as Igrejas não estavam fora da sociedade, estão inseridas no meio social, como até hoje estão, e se posicionam frente aos discursos científicos (médicos e acadêmicos) explicitando a sua postura/opinião.

Em meio a tantos discursos de exclusão e segregação surge a Teologia Inclusiva. Fruto da união entre o movimento gay e da Teologia da Libertação, advinda

¹A Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), em 17 de maio de 1990 (COELHO, 2020)1111111111

da América Latina, tem por objetivo incorporar os seres humanos independente de sua sexualidade, gênero, classe social e etnia dentro do cristianismo, afinal:

Em outras épocas, utilizando-se da Bíblia, grupos religiosos apoiavam e defendiam a escravidão, a segregação racial, a inferiorização e outras formas de preconceito. Hoje, a mesma Bíblia é utilizada para a exclusão de pessoas homossexuais (FEITOSA, 2010, p. 12).

Como primeira igreja a ser formada e estruturada dentro dessa nova ótica cristã, as Igrejas da Comunidade Metropolitana, ou Metropolitan Community Church (nome da denominação em inglês), nasce nos EUA em 1968, em específico na Califórnia, para aglutinar/agregar/incluir no seio cristão aqueles que até então são excluídos, entre eles o homem gay.

Em meio ao discurso de inclusão o objetivo geral deste trabalho, além de definir Teologia Inclusiva e Tradicional, para que tenhamos uma noção mínima do que está sendo tratado/abordado, configurou-se em analisar o trânsito religioso ao levar em consideração a questão da sexualidade como fator norteador, a partir da autobiografia do Reverendo Francisco Ferreira Júnior.

Esse trabalho se justifica, tanto pela visibilidade desse debate nos cursos de Ciências das Religiões, quanto pela elucidação dos conceitos tratados.

Ao falarmos de Teologia Inclusiva percebe-se que, embora o tema seja atual, curioso e instigante, não há muitos trabalhos na área. Há poucos trabalhos (monografias, dissertações e teses) que abordam a temática ou algum de seus elementos.

Pesquisador de relevância nessa temática e grande referência é André Sidnei Musskopf, professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia na Cátedra de Teologia e Gênero. Atualmente é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciência da Religião. Possui graduação (2001), mestrado (2004) e doutorado (2008) em Teologia pela Escola Superior de Teologia.

As suas obras mais importantes para esse universo da teologia inclusiva são: *Uma Brecha No Armário: propostas para uma Teologia Gay* (sua monografia publicada em 2001), *Talar Rosa: um estudo didático-histórico-sistemático sobre a ordenação ao Ministério Eclesiástico e o Ministério Ordenado por homossexuais* (dissertação de Mestrado) e *Via(da)gens Teológicas: itinerários para uma Teologia Queer no Brasil* (sua tese de doutorado).

A monografia aborda a saída do armário da população gay em se assumir enquanto gay e cristão, além disso em como as igrejas inclusivas são parte desse

movimento e ao mesmo tempo o acolhe. Na sua dissertação, o Musskopf discorre sobre as lideranças eclesiais gays assumidas, que são ordenadas para tais fins. Na tese, o autor aborda a relação do gay com o cristianismo ao longo da história do Brasil.

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) há uma dissertação de mestrado em Ciências das Religiões, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), especificamente na área de Religiões Culturas e Produções Simbólicas, publicada por Elton Roney da Silva Carvalho em 2014 intitulada: *(Homo)sexualidade em debate: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano*. A ideia principal é analisar a inclusão dos homossexuais na Igreja Anglicana.

Em todos esses temas a *Teologia Inclusiva* está incluída, mas não intitulada com essa definição. O conceito que Musskopf traz é o da *Teologia Gay* nos dois primeiros temas e, depois, uma *Teologia Queer*, este último também mobilizado pelo Elton Carvalho em sua dissertação.

Para Musskopf, no início de sua trajetória, a Teologia gay é importante pois utiliza “o diálogo ‘como meio de devolver a palavra àqueles de quem ela foi roubada, a quem foi reduzido à condição de objeto’, devolve-lhes a palavra por meio do ouvir e contar essas histórias” (MUSSKOPF, 2005, p. 14).

Já no último trabalho citado, Musskopf concorda com Carvalho, pois ambos chegaram à conclusão que “a teologia *queer* se torna uma abordagem para a discussão de temas e práticas espirituais, como a criação de espaços religiosos - como igrejas – e a hermenêutica bíblica” (CARVALHO, 2014, p. 75; MUSSKOPF, 2005).

Na monografia intitulada *Homossexualidade e Cristianismo: análise dos discursos tradicionais e inclusivos no século 21*, defendida por mim em 2016, para a obtenção do título de licenciatura plena em História na UFPB, me propus a conceituar Teologia Inclusiva e Teologia Tradicional e a perceber o lugar (discurso) do homem gay em cada uma dessas linhas teológicas. Utilizando a história do tempo presente, quando o historiador estuda e escreve os fatos de seu tempo histórico, foi elaborado um trabalho voltado para esse novo conceito na UFPB, sobretudo no curso de graduação em História.

A intenção aqui não será criar uma nova teologia ou gerar novos conceitos, mas sim definir o que é *Teologia Inclusiva*, buscar compreender como as Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICM) avalia essa inclusão, focando na figura do homem gay, analisando os seus documentos oficiais, além de analisar a relação entre homem

gay e cristianismo (Teologia Inclusiva) no século 21, mas acima de tudo: perceber esses discursos na autobiografia do Reverendo Francisco Ferreira Júnior e perceber o trânsito religioso dentro do meio cristão por causa da sexualidade. Este último ponto é o centro norteador de todo o trabalho.

Tais análises serão realizadas devido ao seguinte fator: a análise foi bibliográfica de artigos, livros e trabalhos acadêmicos que abordem a temática da teologia inclusiva e trânsito religioso e, documental: legislação, manuais, declarações de fé ou qualquer outro documento emitido pela entidade religiosa, além de fazer o paralelo desses debates com o livro *O Profeta Gay*². Todos os materiais necessários estão de fácil acesso ou no meu acervo pessoal, ou nas bibliotecas públicas, ou em formato digital, disponibilizado na rede mundial de computadores.

Dito isto, dentre os objetivos, pretendeu-se, de forma geral, definir Teologia Inclusiva e Tradicional e analisar o modo como se dá o trânsito de uma denominação cristã para outra motivado pelo critério da sexualidade do indivíduo, a partir do livro *O Profeta Gay*, do Reverendo Francisco Ferreira Junior. Já especificamente, pretendeu-se:

- Compreender a relação da subjetividade do autor com a homossexualidade e o cristianismo, a partir da experiência narrada pelo reverendo Francisco Ferreira Júnior;
- Contextualizar a visão de inclusão das Igrejas da Comunidade Metropolitana entre seus clérigos e membros, que dá lugar à expressão da homossexualidade masculina e possibilita a (re)construção das subjetividades;
- Verificar através do livro *O Profeta Gay* em como as Igrejas da Comunidade Metropolitana compreende/propaga/difunde por Teologia Inclusiva e a figura do homem gay cristão.

A metodologia principal desta pesquisa está calcada na análise dos discursos, tomando como referencial teórico Foucault (2010) com seu livro *a Ordem do Discurso*. Ele é importante por apresentar como método:

(...) o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 2010, p.8).

² O livro *O profeta gay*, tem por autor o Reverendo Francisco Ferreira Júnior. Foi publicado pela Metanoia Editora, em 2018. Essa edição foi feita de forma bilingue (português e espanhol) e possui 42 páginas.

Partindo desse princípio, foram analisados os documentos oficiais das Igrejas da Comunidade Metropolitana (legislação, manuais, declarações de fé ou qualquer outro documento emitido pela entidade religiosa) para avaliar em seus discursos o que elas entendem por inclusão, assim como a inclusão do homem gay, além de outras referências.

Contudo, o foco será em como esse discurso está presente na obra do FERREIRA JUNIOR (2018), fazendo com que o autor passe a frequentar a ICM e a não frequentar mais a sua denominação anterior (de cunho tradicional) devido à questão de sua homossexualidade.

Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo que a pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, a diferença está no material usado como fonte. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, basicamente por livros e artigos científicos, já pesquisa documental utiliza fontes primárias, dados e informações que ainda não foram tratados científica ou analiticamente (SÁ-SILVA, 2009; GIL, 2008).

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é um estudo de caso, que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2008). Nesse caso, a história do Reverendo Francisco Ferreira Junior contada por ele mesmo na obra: *O Profeta gay*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao analisarmos a história do cristianismo, no mundo ocidental, veremos que a primeira definição para a homossexualidade é a sodomia. Tal definição aparece através dos processos inquisitoriais, com o *Tratado de Sodomia* do padre L. M. Sinistrati d'Ameno (de meados do século XVIII). Contudo esse conceito não se apresenta apenas para enquadrar nos processos inquisitoriais, o que chamamos hoje de homossexualidade, mas

(...) se define como a relação carnal entre dois machos ou de duas fêmeas, mas nem por isso todos os atos “homossexuais” são constitutivos desse crime. Para que exista crime, é necessário que exista que haja o coito, introdução do pênis no ânus, “a fim de que se distinga da simples volúpia (polução, masturbação) obtida mutualmente entre macho e fêmea”. O pecado existe quando nos enganamos de vaso! Segundo alguns doutores, “a introdução do membro viril no vaso posterior deveria acontecer com regularidade, e seria preciso que houvesse descarga de sêmen ao interior do ânus. Esta era a ‘sodomia perfeita’, e neste caso os pecadores só podiam ser

absorvidos pelo papa ou os bispos”. Em troca, se o macho copulava pelo ânus com a mulher, a sodomia era “imperfeita”, e um simples confessor podia absorvê-los (BADINTER, 1993, p. 100-101).

Com o advento da modernidade, a Igreja começou a ser questionada pelo princípio da razão: a ciência começou a buscar a veracidade dos discursos dominantes (cristãos católicos). Em meio a tamanhos conflitos e afinidades uma coisa pode-se afirmar: as questões da sexualidade foram incorporadas pelo Estado e a ciência para que ocorresse um controle maior da sociedade. Afinal, as práticas sexuais significam um “ponto de passagem particularmente denso nas relações de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 59).

A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente guarda como núcleo o singular da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. Desde o século XVI, esse tipo foi, pouco a pouco desvinculado do sacramento da penitência e, por intermédio da condução da alma espiritual – *ars artium* – emigrou para uma pedagogia, para as relações adulto e criança, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria (FOUCAULT, 1999, p. 66-67).

Assim o termo *sodomia* é substituído, pela ciência, por *homossexualismo*. O novo termo surge para especificar uma prática extremamente nociva de forma específica: as práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo. Desta forma, se contrapôs a sodomia, por ela abranger qualquer prática sexual que não tenha o intuito da reprodução (quando se erra o vaso), mesmo em relações com pessoas do mesmo sexo.

Em 1869, o médico húngaro Karoly Maria Benkert inventa a palavra homossexualismo, no contexto do discurso da medicina ocidental, para caracterizar uma forma “desviante” e “perversa” entre pessoas do mesmo sexo; portanto o sujeito homossexual passa a existir, na história humana, apenas a partir do século XIX. Homossexualismo (o termo original), é uma palavra híbrida, formada pela fusão de três radicais de origem linguística distinta: 1. Grego, *homo* = “igual, semelhante, o mesmo que”; 2. do latim, *sexus* = sexo; 3. do latim, *ismo* = “próprio de”, “que tem natureza de”, “condição de”. O sufixo *ismo* ao ser incorporado reforçou na representação da palavra os pressupostos da época (religioso-moralista, medico-patológico, jurídico-criminal) para os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, algo de natureza anormal, essencialmente patológico, doente desviante, perverso, pecaminoso (FURLANI, 2003, p. 153).

É com esse discurso médico-religioso, que se cria um grupo anormal na sociedade. Essas pessoas, no mundo contemporâneo vê-se uns aos outros com o rotulo que os são impostos pela sociedade heteronormativa. Assim nasce uma identidade social: o homossexual.

Mas, por outro lado, não é só “o discurso” – ou pelo menos, o discurso hegemônico – que constrói o sujeito. (...). Nesse sentido, veremos que assumir um ato de afirmação, até de rebeldia, criando laços de solidariedade com outros que a compartilham e aceitando o desafio de ir além de uma “democracia da tolerância”, para uma (mais) verdadeira desconstrução de todas as formas de opressão social (ADELMAN, 2000, p. 170-171).

No mundo moderno, com o surgimento de movimentos gays que nasceram nos EUA, e a pressão que fizeram a ciência de buscar a veracidade dos discursos que não fossem com base eclesiástica, junto com o *Gay's Studies* a doença do homossexualismo deixa de existir e nasce um novo termo: homossexualidade.

A partir do momento que este tipo de atração erótica começou a ser re-significado pelas ciências do século XX o termo HOMOSSEXUALIDADE (do latim, sufixo *dade* = “qualidade de”) passou a ter a preferência de muitas pessoas por referir a este tipo de relacionamento, não como uma condição desviante ou doença, mas sim, como uma possibilidade legítima de homens e mulheres viverem seus afetos e prazeres (FURLANI, 2000, 153-154).

Na contemporaneidade, com o advento desses movimentos e discursos, por consequência do distanciamento do discurso médico-científico do religioso, a igreja precisou responder a tais temáticas sociais. A grande maioria das Igrejas cristãs (católicas e protestantes) mantiveram seus discursos do pecado (originários da sodomia mas mantendo o uso do termo do “homossexualismo”), contudo, paralelamente a esse posicionamento nasce a Teologia Inclusiva: “Uma vertente da Teologia da Libertação – surgida na América Latina cujo o foco seria a inclusão na igreja dos marginalizados em âmbito social, político e financeiro – associada ao movimento homófilo, aos debates filosóficos da teoria *queer*” (LOURENÇO, 2016, p. 22).

A Teologia Inclusiva defende, objetivamente, a inclusão e a afirmação da comunidade LGBT enquanto diversidade humana excluída pelas estruturas religiosas convencionais. Esse novo entendimento bíblico proporciona a gays, lésbicas, bissexuais e transgênicos o livre exercício de sua fé e identidade, bem como a oportunidade de realização afetiva sem os tabus impostos pelo fundamentalismo religioso (FEITOSA, 2016, p. 10).

Mas a Teologia Inclusiva é um grande guarda-chuva, pois na tentativa de incluir o excluído ela vai se apropriar de discursos da Teologia Gay, Teologia Queer, Teologia Feminista e todas as demais teologias com um olhar específico para cada minoria. Ao se apropriar desses discursos, a Teologia Inclusiva desenvolve uma hermenêutica para cada uma das suas “áreas específicas”, ou seja, “uma hermenêutica bíblica para além desses textos (ademais desconstruídos por diversos autores e autoras)” (MUSSKOPF, 2003, p. 134) e perguntando como cada um dos grupos até então excluídos veem a Bíblia.

Nesta ótica, as Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICM) surgem nos Estados Unidos da América (EUA) com a proposta da radical inclusão. A noção da ICM em ser defensora dos Direitos Humanos e atuar ativamente na sociedade dentro deste princípio é o seu discurso chave.

Contudo, como comunidade, aberta à radical inclusão, nós somos uma comunidade que milita, não apenas no sentido teológico, ou seja, como Igreja

Peregrina, mas também como uma voz social. Nós, como comunidade cristã, que lê, enxerga e compreende o mundo desde Jesus Cristo, estamos imbuídos do espírito profético de Jesus que denuncia a religião, a política e os sistemas econômicos que não promovem Cristo, ou seja, o Amor em carne e sangue (ICM BRASIL, 2013, p. 09).

Nessa ótica, me proponho a analisar o livro do Reverendo Francisco Ferreira Júnior, *O Profeta Gay*, para perceber o trânsito religioso do indivíduo: de uma denominação tradicional para uma denominação inclusiva.

2.1 COM A PALAVRA, *O PROFETA GAY*

O livro é dividido em quatro partes: Chamado, Deserto, Saída do Sepulcro e A Terra Prometida. Essas quatro fases da sua vida é para representar como a sua homossexualidade foi o motivo que o levou a fazer um trânsito religioso dentro do cristianismo: da sua saída da Assembleia de Deus e sua entrada na ICM, sendo essa última fase até sua ordenação enquanto reverendo. Vale salientar que essa autobiografia é fruto da produção do Francisco Ferreira Júnior para conclusão da sua formação no Instituto Darlene Garner.

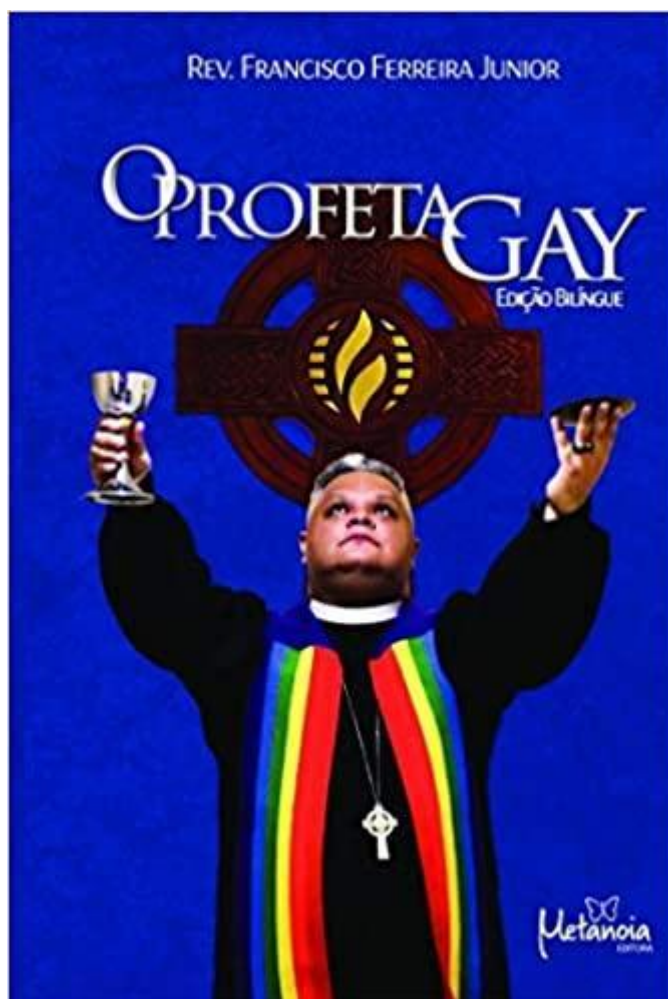
O Instituto Darlene Garner é o responsável pela formação das lideranças na ICM, sejam elas leigas (diáconos) ou ordenados (reverendos). Sendo assim, a obra não nasce obrigatoriamente como um livro falando de si, na verdade nasce como um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), onde o autor vai narrar a sua trajetória de vida, especificamente associado à sua vida religiosa/sagrada.

Essa visão se estende, no material impresso pela editora Metanoia, através das epígrafes que o autor colocou no início de cada capítulo: versículos da bíblia que deixam explícitos os sentidos de cada capítulo. Serve como uma espécie de introdução *a priori* do que será tratado.

No “Chamado” aparece a passagem de Jeremias, onde se diz que Deus escolheu o profeta desde o ventre da sua mãe (Jeremias 1, 5); no “Deserto” a passagem de Lamentações, onde se destaca o fato de como é bom ter esperança e guardar a salvação em silêncio (Lamentações 3, 26); na “Saída do Sepulcro” ele traz a passagem do livro de João, sobre a ressurreição de Lázaro, especificamente o momento em que Cristo o chama para fora (João 11, 43-45) e; em “A Terra Prometida” a passagem trazida pelo autor está no livro de Salmos, expondo a alegria que é estar diante do Senhor e estar maravilhado com as suas obras (Salmo 126, 2).

Outro ponto importante para nossa análise é a capa repleta de simbolismos. Ela traz o Ferreira Júnior com trajes clericais - túnica e escola -, sendo a estola presbiteral das cores da bandeira LGBT, mostrando assim a sua homossexualidade; a cruz com a

logo da ICM, atrás da sua foto, mostrando a qual denominação ele pertence; em uma de suas mãos o cálice (representando o sangue de Cristo), na outra a patena (representado o corpo de Cristo), assim temos a eucaristia (na ICM a eucaristia é aberta a todes³, desta forma está incluso a população LGBT). Essa descrição inicial serve para uma melhor compreensão de como se encontra a organização da obra e como esta foi produzida. A seguir, a imagem da capa do livro:



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Profeta-Rev-Francisco-Ferreira-Junior/dp/8594750498>

2.1.1 O chamado do profeta

O primeiro capítulo é uma introdução de como se deu o chamado ministerial. Seu início com o cristianismo deu-se através do catolicismo com a Comunidade Eclesial

³ A palavra *todes* utilizada no texto faz referência ao marco teórico sobre o uso das palavras neutras para identificar pessoas do gênero masculino, feminino, não-binárias, *queer*, ou qualquer outra classificação de gênero que esteja ou não presa no binarismo homem-mulher. Portanto a partícula “e” na palavra transforma-a em palavra neutra. Ver: SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre Gênero neutro em português e os limites do sistema linguístico. *Revista da Abralín*, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

de Base (CEB), na Comunidade Cristã Maranatha, tomando ciência da Teologia da Libertação. Ele iniciou sua jornada nessa comunidade aos sete anos de idade e ao longo do tempo ele percebeu que sua afinidade com a vertente teológica foi devido a sua “identificação com essa Teologia que optava pelos marginalizados, e eu era um deles, um homossexual não assumido” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 10).

Dessa forma já se percebe da sua inquietação da sua sexualidade frente às ideias teológicas da qual ele teve contato. Apesar de Lourenço (2016) abordar que a Teologia da Libertação, mesmo optando por aqueles que estão à margem da sociedade, ela não consegue abraçar a temática de sexualidade/orientação sexual, por isso a Teologia Inclusiva nasce, enquanto filha da Libertação, para incluir a diversidade humana na igreja como a população LGBTQIAPN+.

Mesmo sem essa compreensão, o reverendo expõe no livro que sempre se relacionou bem com a sua sexualidade e seu posicionamento se solidificou quando em 2013 conheceu a ICM, mas o trecho peculiar é expressar que a pertença a essa comunidade de fé já existia antes dele conhecê-la. Aqui cabe dois pontos a serem abordados: a filosofia da igreja e o sentir-se equilibradamente bem na relação do eu com o divino.

A ideia que a ICM propaga é que ela nasce nos corações das pessoas. Sendo assim transmite-se uma ideia de pertencimento originário indissociável do eu com a denominação. Essa ideia foi exposta no seu texto para demonstrar um pertencimento, tendo em vista que as pessoas que analisaram o texto seriam clérigos ordenados da denominação, portanto essa pertença não poderia ou deveria ficar em questionamento.

No que diz respeito ao equilíbrio, fez-se necessário o conhecimento de tal doutrina teológica pois, segundo o autor, “Nela encontrei a resposta para os meus *‘porquês’* e por meio dela tenho exercido meu chamado profético de ser um Profeta Gay neste mundo” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p.11). Os seus questionamentos estavam associados ao conflito na sua juventude, da relação da sua religiosidade com a sexualidade que, devido a sua formação e construção identitária, estava muito associada com as ideias da Teologia Tradicional.

Nesta primeira parte do livro podemos vislumbrar, já de antemão, um elemento que influenciará o restante de sua escrita: as ideias da igreja em meio à qual ele está inserido. O autor já nos mostra como o seu chamado ministerial está atrelado ao pertencimento àquela denominação ao trazer para si elementos que na sua atualidade ele

convive para o passado. Outro elemento que já pode ser observado é a sua dupla identificação, gay e cristão, e como essa relação já nos apresenta como um problema existencial, mesmo ele afirmando que se relacionava bem com isso na sua infância, já que na sua adolescência tais ideais entram em choque e ele tenta negar os seus desejos e sexualidade.

2.1.2 A fuga do gay

A fuga para o deserto ou a entrada para o mais profundo armário, expressão utilizada pelo autor para representar essa tentativa de negação dos seus desejos homoafetivos, tem como marco a sua entrada em uma denominação pentecostal. Ora, a maioria das igrejas pentecostais são baseadas em uma teologia fundamentalista, excluindo a pluralidade humana das sexualidades e identidades de gênero, tomando como padrão a cis-heteronormatividade. É nessa experiência que o autor descreve:

Na tentativa de me esconder, entrei mais fundo no armário ao conhecer e fazer parte de uma Igreja Pentecostal, onde vivi em solidão a experiência de ser pela metade, e como é terrível e mortificante não poder ser inteiro, não ser quem se é de fato, não experimentar a vida em plenitude que Jesus nos chama a vir, provar e ver (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 13).

Essa solidão mortificante, gerada por um dogma religioso, ainda bastante difuso na sociedade contemporânea, começou a ser questionada ainda na sua juventude, a partir dos 17 anos, com a sua entrada no curso de licenciatura plena em Ciências da Religião, na Universidade do Vale do Acaraú - CE. Essa graduação o proporcionou a conhecer alguns conceitos e fontes de estudo da área, como fenômeno religioso, hermenêutica e exegese, que por sua vez "Aprendidas as técnicas de estudo teológico, as apliquei a leitura dos textos bíblicos e comecei a me ver nas escrituras" (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 14).

Durante esse processo de auto(re)conhecimento, o Reverendo Francisco permaneceu na sua igreja de origem, estando lá durante 14 anos e já possuindo o título de presbítero e presidente do conselho de presbíteros naquela denominação, solicitando o desligamento em abril de 2010, aos 28 anos. Isso se deu pelo fato da sua apresentação "a Teologia Inclusiva, através do livro Bíblia e Homossexualidade: verdades e mitos. O sentimento foi de estar maravilhado, extasiado" (FERREIRA JUNIOR, 2018, p. 14).

Ao analisar essa parte da obra, podemos perceber ainda a incorporação/associação de elementos da ICM no seu discurso. O convite à plenitude de Jesus que está descrito em "vir, provar e ver" (p. 13) está associado ao credo da igreja que já inicia com a frase "Venham, provem e vejam" (ICM CABEDELLO, 2016, p. 01). Ao retomar esse princípio teológico, o autor continua afirmando da importância da sua

ordenação, sendo esta decisão não arbitrária, mas ligada aos preceitos divinos e em conformidade com os discursos/debates da denominação.

A sua saída da igreja pentecostal precede o fato do saber científico. O saber apreendido *a priori* serviu de base para iniciar os seus questionamentos relativos ao dogma que ele adotava até então. Isso não representa que as instituições de nível superior demonstram aversão às religiões, ou no presente caso, ao cristianismo pentecostal. Contudo o autor pôde iniciar o processo de equilíbrio entre a sua sexualidade e sua fé, sendo culminada pela obra de Alexandre Feitosa, *Bíblia e Homossexualidade: verdades e mitos*. Vale ressaltar que na citada obra, o pastor Alexandre Feitosa traz discursões sobre a releitura dos trechos bíblicos, que a Teologia Tradicional utiliza para justificar a homossexualidade enquanto conduta cristã não aceita (pecado). Feitosa vai desconstruir tais interpretações ao ressignificar a luz da Teologia Inclusiva de forma clara, simples e objetiva.

2.1.3 A saída do sepulcro da ovelha rosa

A menor parte do livro, escrita com apenas quatro parágrafos, o terceiro capítulo serve para rememorar o final do capítulo anterior: o equilíbrio entre a sexualidade e a fé, através da descoberta da Teologia Inclusiva, e a sua saída da antiga denominação religiosa. O peculiar é como isso foi retratado no texto: “agora eu poderia ser EU mesmo, um ‘viado’ chamado ao profetismo” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 17). Esse pequeno trecho resume essa parte.

A sua saída do armário contou com um diferencial: o apoio familiar. Diferentemente do que geralmente acontece com a população LGBTQIAPN+, o apoio da sua mãe nesse processo de aceitação e assumir publicamente sua homossexualidade foi de total importância. Portanto, podemos definir que o apoio da família, a descoberta da teologia inclusiva e a certeza que seus desejos/atos afetivos não feriam o seu sagrado, mas ao contrário, constituíram o tripé que o levou a procurar/fundar uma denominação inclusiva.

Vale advertir que, *a priori*, o autor não buscava participar de uma denominação, os seus questionamentos iniciais eram “Será que precisaria fundar uma nova igreja para acolher o público LGBTQ? Poderíamos nos reunir em minha casa? Deveria fazer panfletos?” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 17). Com base nesse fragmento, se pode afirmar a importância da ICM nesse processo de questionamento, afinal, a terra prometida seria esse espaço onde Francisco poderia ser aceito enquanto

homem gay e adorar o seu sagrado e cumprir o plano divino do seu chamado ministerial.

2.1.4 A terra prometida do profeta gay

Apesar do primeiro contato com a ICM Fortaleza ter ocorrido em abril de 2013, o autor já inicia o último capítulo do livro com a afirmação: “Aquele igreja que eu queria fundar já existia desde outubro de 1968, já estava fundada dentro de mim, eu já era ICM e nem sabia” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p.18). Assim, continua reforçando a sua idade e valor para com a Igreja que ele foi ordenado reverendo.

Ao narrar seu primeiro contato é feita uma ressalva: “o estudante de jornalismo foi pesquisar uma igreja inclusiva em Fortaleza, mas constantemente recebia um chamado divino para afirmar que ali era o seu lugar” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p.18). Aqui já podemos definir que após o seu encontro de equilíbrio inicial com o sagrado, por meio da Ciência das religiões, a sua graduação em jornalismo o fez encontrar uma denominação cristã inclusiva.

Com o fim da entrevista, que foi agendada com o pastor da igreja, Reverendo Igor Simões, antes da celebração dominical, contudo o estudante de jornalismo permaneceu para a celebração e “depois daquela entrevista todos os meus domingos são dedicados à Igreja da Comunidade Metropolitana de Fortaleza” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p.19).

O primeiro contato com a ICM, sua história e posicionamento político-ideológico veio com a leitura e estudo do livro da Reverenda Nancy Wilson, *Nossa Tribo*⁴, que além de aprimorar seus conhecimentos sobre Teologia Inclusiva, o fez compreender os quatro valores da sua nova denominação: inclusão, comunidade, transformação espiritual e justiça social; a conhecer e a “desconstruir as ‘passagens de terror’ contando que de fato a nossa tribo está nas escrituras” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 19).

Em 20 de abril de 2014 foi ordenado diácono da ICM Fortaleza e no mesmo ano iniciou a sua formação presbiteral. Durante essa nova fase de estudos, o autor se depara com mais uma vertente teológica até então desconhecida: a Teologia *Queer*. Apesar de não aprofundar a respeito dessa nova descoberta, ele cita que “desde a

⁴ O livro da Reverenda Nancy Wilson aborda a sua experiência enquanto mulher, lésbica e cristã, que está à frente da ICM. Além dos seus relatos, traz também as discussões e debates teológicos da igreja, sobre a inclusão da população LGBTQIAPN+ no cristianismo e a Teologia *Queer*.

infância conheci a Teologia da Libertação, em seguida a Teologia Inclusiva e a Teologia Queer. Estas Teologias são norteadoras da minha prática ministerial” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 20).

Sua ordenação como reverendo ocorreu em 26 de novembro de 2016, na celebração e Cristo Rei do Universo, com a presença do Reverendo Cristiano Valério, coordenador de desenvolvimento da Rede ICM Brasil e, na ocasião, representava o Conselho de Bispos e Bispas da Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana. A partir da sua ordenação, começou a sua atuação como pastor associado e moderador da igreja em Fortaleza.

Dentre os múltiplos elementos que transmitem a ideia de pertencimento do profeta com a denominação, ele encerra o seu texto retomando trechos do credo: a sua luta será em prol dos Direitos Humanos; reconhece “Deus que é conhecido e chamado por muitos nomes” (FERREIRA JÚNIOR, 2018, p. 21), ou seja, admite a diversidade religiosa e o conceito de plurifé; a experiência da fé dar-se na margem social; ser um canal divino na sociedade para disseminar esses ideais. Todos esses elementos presentes no corpus doutrinário são admitidos também na subjetividade, demonstrando que o reverendo e a denominação unificados e em grande harmonia.

2.2 SE BEM ENTENDI O PROFETA GAY...

A obra *O Profeta Gay* vem abordando, com uma linguagem simples e sintética, a respeito da vida do reverendo Francisco Ferreira Júnior e o motivo que o levou a se tornar membro da ICM: a sua homossexualidade. Esse fator, sem sombra de dúvidas, está no centro da sua experiência religiosa, sendo inicialmente conflituoso, pois estava imerso na Teologia Tradicional e posteriormente harmônico, com a descoberta da Teologia Inclusiva e *Queer*.

Foi devido a sua sexualidade e as ideias majorantes sociais sobre ela que o fez ingressar em uma igreja pentecostal, cujo nome ele não cita na sua obra, mas com estudos e descobertas sociais sabe-se que teve acesso a uma igreja que desvirtuava da ideologia cristã dominante. A ideia não é discutir qual segmento está correto ou adequado, apenas analisar a vivência/experiência do objeto de estudo deste trabalho, sem incluir juízo de valor, afinal tais ideais/conceitos/definições/filosofias/teologias/dogmas estão presentes na sociedade e esta obra reflete um fragmento dessa diversidade.

A sua relevância para as Ciências das Religiões dá-se por meio da subjetividade de um indivíduo frente a uma nova expressão religiosa que nasce através de um conflito entre os movimentos sociais e os dogmas religiosos hegemônicos. Pode-se perceber outro aspecto secundário ao tema principal: as ideias defendidas pela ICM, como também seus dogmas e filosofias, pois foram estes princípios que geraram a consolidação do pertencimento denominacional e o trânsito religioso dentro do próprio meio cristão.

2.2.1 Da libertação a ser *queer*: um caminho profético

Três obras são importantes na formação teológicas do autor: a *Bíblia Sagrada*, *Homossexualidade*, do Alexandre Feitosa, e *Nossa Tribo*, da Reverenda Nancy Wilson. Cada obra contribui para uma reconstrução do profeta dentro das duas teologias, que ele vivencia e percebe na ICM, a Teologia Inclusiva (apresentada pelo Feitosa) e a Teologia *Queer* (exposta pela Wilson).

Feitosa apresenta nessa obra específica a quebra da visão heterocêntrica que é responsável para uma formulação de dogmas sobre a moral sexual. Para isso, ele utiliza como base a Teologia Inclusiva que é definida como uma corrente que visa incluir todas as categorias marginalizadas socialmente, como negros, população LGBTQIAPN+ e as mulheres, nas igrejas ao compreender que “todos os que compõem a diversidade humana, seja qual for, têm livre acesso a Deus” (FEITOSA, 2010, p. 14). Ao longo da sua obra, Feitosa desmitifica as passagens bíblicas que as igrejas tradicionais utilizam para condenar as práticas de homoafetividade.

Ao analisarmos esse pensamento, percebe-se a importância desse discurso teológico na (re)construção de uma identidade social: a sexualidade e religiosidade entram em harmonia e passam a caminhar de mãos dadas, deixando a rivalidade/conflitos/questionamentos para traz. Por isso que o reverendo Ferreira Júnior escolhe a passagem de Cristo ressuscitando Lázaro, enquanto epígrafe do terceiro capítulo do seu livro, afinal o equilíbrio entre as suas duas identidades é semelhante, para ele, ao renascimento. Esse conhecimento foi importante, mas não foi o fim de sua jornada, foi seu início.

Após frequentar a ICM Fortaleza conheceu a Teologia *Queer*, pela obra *Nossa Tribo*, que traz uma visão do corpo que sente e manifesta o sagrado, mas também de um corpo que é sagrado, afinal “A própria Bíblia fala do corpo humano como o ‘templo’ do

espírito. Nossos corpos são as nossas casas. Nosso corpo/eu é o lar, o *locus*, da nossa identidade” (WILSON, 2012, p. 212).

Nessa lógica da corporeidade cristã, ser *queer* é sentir, desejar e experienciar Cristo através do nosso corpo e permitir que os múltiplos corpos/eus possam vivenciar esses sentimentos com as suas particularidades. Essa experiência não está limitada exclusivamente ‘ao meu corpo’, está associada também à troca das experiências ‘dos corpos’, do ‘eu-outro’, por isso sentir o sabor dessa cristandade viva ‘no eu’ e ‘no outro’ precisa desfrutar de uma hospitalidade corporal.

Creio que compartilharmos sexualmente com alguém é dar e receber hospitalidade corporal. Hospitalidade, para mim, pode funcionar como uma metáfora útil para uma ética do relacionar-se sexualmente, que celebra tanto o eu quanto outro. Compartilhar-nos sexualmente com alguém é, literalmente, abrir espaço para o outro no nosso corpo e no espaço que circunda os nossos corpos. Literalmente, na maioria das formas de intimidade sexual, entramos uns nos órgãos dos outros de alguma forma. Quer através do beijo, especialmente beijos profundos, várias formas de penetração, ou segurando e acariciando, alegremente ou apaixonadamente, entramos nas zonas mais fisicamente particulares e protegidas do corpo/eu do outro. E para usar a expressão da Aids que tanto clinicizou a natureza da atividade sexual, em geral trocamos “fluidos corporais”. São os fluidos produzidos dentro de nós, que nós fabricamos, e que constituem uma outra maneira de entramos em contato com os órgãos uns dos outros (WILSON, 2012, p. 216).

Essa novidade teológica só pode ser perceptível/compreendido no mundo contemporâneo pela liquidez social, defendido por Bauman (2001, p. 08), que afirma essa forma volátil e escorregadia que a sociedade passa tendo em vista a multiplicidade de identidades sociais. Essa fluidez cria e, simultaneamente, permite ser criadas definições/padrões/estruturas sociais que esfarela a sociedade transformando-a em uma multiplicidade socio-individual. A religião não fica a parte dessa transformação social: o trânsito religioso, encontro e desencontro de símbolos/elementos de outras culturas/crenças, subjetividades e individualidades.

no bojo desse efervescente pluralismo, o que favorece a intensa mobilidade religiosa, identificamos a manifestação de outros processos como a periferização da religião, a destradicionalização religiosa, o desencantamento do mundo e o desenraizamento do sujeito que são intrínsecos ao fenômeno manifesto e tornam emblemáticas as implicações modernas sobre o campo religioso (COSTA, 2012, p. 24).

Nessa ótica, já podemos definir o trânsito religioso como um processo subjetivo de cada indivíduo que ocasiona em algum grau de mudança simbólica, teológica ou dogmática. Essa alteração de compreensão é gerada por questionamentos sociais que atravessam o campo religioso, como no caso da sexualidade.

A Teologia Inclusiva/*Queer* é uma resposta social do cristianismo frente aos movimentos identitários que surgem no século XX. Um trânsito religioso interno, por

acontecer dentro de denominações cristãs, para que a população LGBTQIAPN+ possa ter um espaço de adoração sem nenhum tipo de discriminação foi a demanda subjetiva do Francisco Ferreira Júnior.

analisar a relação entre religião e modernidade, a partir do trânsito religioso, é compreender as nuances de um período histórico marcado pela transitoriedade das instituições e pela intensa transformação identitária dos sujeitos, num território sem fronteiras, permeado por uma estrutura adaptável, ambivalente e inconstante, que embora permita cada sujeito desenvolver sua própria identidade, o projeta num mundo marcado pela insegurança, angústia e incerteza na tentativa de solidificar estruturas altamente fluidas (COSTA, 2012, p. 30).

Ao analisarmos todo o seu trânsito religioso, percebe-se uma tendência inicial para atender aos padrões cisgêneros impostos pela sociedade. Lourenço (2016) dirá que apesar das mudanças do pensamento acadêmico-científico de despatologizar a homossexualidade, na sociedade essa segregação está consolidada, tornando tal pensamento um construto do modo agir-pensar da própria estrutura social.

Percebe-se, portanto, que na cultura patriarcal os atos sexuais exprimem o gênero ao qual você ocupa, ancoradas na formação social dos conceitos de masculinidade (ativo) e feminilidade (passivo). O homem deve exercer seu papel enquanto homem de ser o ativo em uma relação, pois é ele quem detém a força e a sagacidade adquirida de forma natural; a mulher compete o papel do passivo, pois a natureza a negou os papéis viris a deixando com a sutileza e delicadeza. Assim, cria-se, na sociedade, as definições de macho e fêmea delimitando os espaços, criando estereótipos, moldando atitudes e personalidades. A bicha, ou o viado, nega sua virilidade para assumir uma passividade exclusiva do universo feminino (LOURENÇO, 2006, p. 17).

Tal pensamento culmina no acordo social da heterocisnormatividade. O homem pode manter relações sexuais com outros homens, mas ao exercer o papel de passivo ele nega a sua masculinidade tornando-o como um ser inferior incompleto. Contudo, os estereótipos do macho precisam ser mantidos e inalterados para que, além de ser reconhecido pelos seus pares, seu papel social não seja questionado. Em maior ou menor grau, esse pensamento perpassa nos indivíduos criando/desenvolvendo/consolidando armadilhas sociais que priorizam o binarismo de gênero com base nos estereótipos definidos pela sociedade imersa, cabendo o seu controle a uma entidade superior, inalcançável e inquestionável.

Na sociedade ocidental contemporânea, esse controle se dará, principalmente, por meio do cristianismo tradicional. Essa corrente teológica ficará não apenas na responsabilidade de associar os preconceitos estruturais sociais como norma presente da religião em verdades absolutas, mas as associará ao dito/revelado da divindade aos fiéis. Questionar tais práticas significa questionar o próprio transcendente, portanto há apenas verdades absolutas. A homossexualidade, portanto, é caracterizada como

prática/condução desviante, sendo necessário obrigatoriamente o silenciamento desse desejo ao associá-la ao pecado.

Contudo, a visão religiosa cristã não foi alterada. Ainda defendem, agora na área da libertação do espírito com um manual de regras devendo ser seguidas, sobre a libertação espiritual do pecado da homossexualidade. Mesmo tendo que admitir a “negação” do termo “homossexualismo” ainda defende que gays são doentes espirituais, dotados de inúmeros transtornos psíquico-emocionais, precisando da cura para tal mau. Os ideais patriarcais são mantidos na área cristã tradicional (LOURENÇO, 2016, p. 22).

Nessa ótica chegamos à seguinte conclusão: o desejo precisa ser silenciado. Em *O Profeta gay*, esse silenciamento do desejo foi a causa do primeiro trânsito: a ida para uma igreja neopentecostal. Essa ida foi a resposta do Francisco Ferreira Junior a sociedade que ele não quebraria o acordo social. Contudo aconteceu apenas o esperado: o silenciamento. O desejo permaneceu latente, existindo na própria estrutura subjetiva do ser e por isso não pôde ser apagado.

O gatilho foi a leitura de uma obra teológica inclusiva. O desejo silenciado pôde enfim encontrar uma saída, que possibilitasse a sua existência e a vivência da sua subjetividade. Eis o segundo trânsito, marcado pela curiosidade: trânsito religioso identitário subjetivo.

Entende-se, nesse conceito, que a alteração de pertença de fé está associada ao não reconhecimento simbólico, litúrgico e dogmático dentro de um mesmo grupo religioso associado a subjetividade identitária do indivíduo. Isso é perceptível no caso do reverendo pelo fato dele ter permanecido na mesma árvore teológica (cristianismo) e todas as suas mudanças foram dentro dessa árvore devido a sua sexualidade. Tal conceito não é restritivo a uma identidade, mas a qualquer mudança dentro de uma mesma categoria promovido por quaisquer identidades humanas.

Esse é um reflexo da mudança social e da resposta que as religiões dão em face a essas mudanças. No caso do autor da autobiografia, a ICM foi o local onde ele encontrou de viver a sua fé, exercer sua espiritualidade, sem abrir mão (silenciar) da sua sexualidade. Essa liberdade religiosa ocasionou uma pertença intrínseca, a tal ponto, que ele foi ordenado reverendo da denominação.

3 UMA TENTATIVA PARA PROJEÇÃO DE UM FIM

O presente trabalho buscou definir Teologia Inclusiva e Tradicional e analisar os motivos que ocasionaram o trânsito religioso do Reverendo Francisco Ferreira

Junior, com base na sua autobiografia. As conclusões iniciais são: 1) a Teologia Inclusiva se apropriar de discursos da Teologia Gay, Teologia Queer, Teologia Feminista e outras teologias com um olhar específico para a inclusão de cada minoria. Dessa forma, ela é oposta da Teologia Tradicional no tocante às diferenças de orientação sexual, gênero e expressões de sexualidade; 2) a sexualidade foi o motivo principal do trânsito religioso empreendido pelo Reverendo Ferreira Júnior dentro do cristianismo, um trânsito religioso identitário subjetivo. O preconceito social estrutural da homossexualidade esteve presente nas suas tomadas de decisões, acordo social da heterocisnormatividade. Mas esse acordo encontra-se em constante conflito com as normas moduladoras sociais, que impactam a religião, a religiosidade e a vivência da espiritualidade.

Sem essas alterações sociais que vem paulatinamente sendo construídas no mundo contemporâneo, não podemos pensar em novas formas religiosas com novos símbolos, novos dogmas, novas relações sociais, novas experiências religiosas. Evidente que essas mudanças não acontecem de forma harmônica e universal: dá-se em conflitos e confrontos, muitas vezes acalorados, no campo ideológico e teológico, por serem visões de sociedade antagônicas.

A teologia inclusiva é oposta ao tradicionalismo cristão quando falamos de homossexualidade. Isso é notório no texto que, apesar de seu olhar religioso e às vezes dogmático, consegue expor esses conflitos sociais ainda existentes com toda a sua glória e alegoria.

Compreendo que esta produção acadêmica é um início de debates e discursos sobre o trânsito religioso dentro do cristianismo pelas sexualidades, sendo tal material acadêmico ainda escasso. Precisa-se de mais aprofundamento de inúmeros outros conceitos para que a ideia proposta ganhe corpo e forma. Compreendo também a limitação dessa produção acadêmica por procurar a vivência/experiência do trânsito em uma fonte exclusivamente escrita. Mas dar continuidade a essa temática de forma mais abrangente, buscando a entrevista do Reverendo para associar ao escrito, ao dito, é uma proposta de uma dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Paradoxos da Identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**: Curitiba, n. 14, p. 163-171, jun. 2010.
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CARVALHO, Elton Roney da Silva. **(Homo)sexualidade Em Debate**: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano. 2014. 122 f. (dissertação de mestrado). Mestrado em Ciências das Religiões, PPGCR, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- COELHO, Fernanda. **17 de maio**: Dia Internacional de Enfrentamento à LGBTfobia. Conselho Estadual de Saúde de Minas Gerais. 2020. Disponível em: <http://ces.saude.mg.gov.br/?p=7850> Acesso em: 13 de mai. de 2023.
- COSTA, Emerson. **O Trânsito Religioso e a Recomposição das Formas Religiosas**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- FEITOSA, Alexandre. **Bíblia e Homossexualidade**: verdades e mitos. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.
- FEITOSA, Alexandre. **Teologia Inclusiva**: fundamentos, métodos, história e conquistas. 1ª ed. Brasília: Oásis Editora, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Marcos José Marcionilo. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2º ed. Belo Horizonte: Autentica, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ICM BRASIL. **Manual de Eclesiologia das Igrejas da Comunidade Metropolitana**. São Paulo: [s.n.], 2013.

ICM CABEDELO. **Credo das ICMs**. Disponível em: <https://icmcabedelo.blogspot.com/2016/08/cedo-das-icms.html>. Acesso em: 03 de nov. de 2022.

FERREIRA JÚNIOR, Francisco. **O profeta gay**. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2018.

LOURENÇO, Maylton Marques. **Homossexualidade e Cristianismo**: análises dos discursos tradicionais e inclusivos no século 21. 2016. 41 f. Monografia (Graduação em licenciatura plena em história) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

MUSSKOPF, André S. À Meia Luz: a emergência de uma teologia gay, seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Idéias**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, p. 1-36, jan. 2005. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/032cadernosihuideias.pdf>
Acesso em: 27 de set. de 2022.

MUSSKOPF, André S. A Teologia Que Sai do Armário: um depoimento teológico. **Revista Impulso**, v. 14, n.34, p. 129-146, 2003.

MUSSKOPF, André S. **Via(da)gens Teológicas**: itinerários para uma teologia *queer* no Brasil. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2008.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: cultura do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEREIRA, Márcio Eduardo Costa Pereira. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Rev. Latinoamericana Psicopatologia Fundamental**: Jun 2009, vol.12, no.2, p.379-386.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

WILSON, Nancy. **Nossa Tribo**: gays, Deus, Jesus e a bíblia. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2012.